

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 23

DOMINGO-15 de Novembro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
TELEFONE 68

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## VALOR E UTILIDADE DA PEQUENA IMPRENSA

NÃO nos parece supérfluo encarecer constantemente o valor e utilidade da chamada pequena imprensa. Embora o âmbito da sua acção se circunscreva, na maior parte das vezes exclusivamente à sua região, isto não impede que não vejamos na existência dos pequenos jornais uma importante força para as populações regionais e uma fonte de benefícios para todos. As campanhas lançadas por essa imprensa nem sempre convenientemente compreendidas, e acolhidas quase sempre no

## NÃO SERÁ ESTRANHO?

Pelo Dr. RUY DE ANDRADE

HÁ UM artigo na nossa Constituição que reconhece o direito de propriedade.

Neste artigo está implícito que não é lícito fazer nada que atente ao direito de propriedade por parte de ninguém e especialmente por parte do Estado, que deve ser o primeiro tutor dos direitos dos cidadãos.

As entidades oficiais, porém, parece que nunca o leram.

Vejam os:

Aos nossos associados (da Associação Central da Agricultura Portuguesa) não terá alguma vez acontecido que um cantoneiro lhes marcasse com PE as árvores que se encontravam em suas propriedades ao longo de estradas, árvores que lá estavam por vezes de há séculos e que foram sempre suas, sem lhe dar cavaco, somente porque isso lhes ocorreu, ou porque a largura de uma estrada foi aumentada, sem que o seu proprietário fosse sequer avisado, lhes marcassem todas as árvores abrangidas pelo novo traçado?

Não lhe aconteceu que um dia lhe abrissem um cais para depósito de pedras, de barris de alcatrão ou máquinas, sem que um simples aviso fosse dado?

Não surpreenderam gente a cavar saibro e a abrir pedreiras para exploração de materiais de construção e reparações de estradas, sem a troca de uma simples carta?

Não lhe fizeram desvios de acessos a propriedades ou a estradas nas mesmas condições?

Não lhe consideraram monumentos nacionais bens seus e inclusive lhe foram fazer obras de manutenção e reparação sem aviso nem aquiescência, obras que às vezes foram muito onerosas, e que tiveram que pagar?

Não lhe demarcaram propriedades, arrancaram árvores, dei-

(CONCLUÍ NA 8.ª PAGINA)

## Posto Escolar em Monte Gordo

Foi recentemente criado um posto escolar em Monte Gordo, deste conselho, tendo sido já nomeada uma regente para que o mesmo entre em funcionamento imediatamente.

FOR  
RODRIGUES PENA

meio de grande indiferença, atestam profundamente, quanto de valioso e útil encerra a missão dos pequenos órgãos regionais.

Não é exagero afirmar-se que esses pequenos jornais defendem muitas vezes melhor os interesses das regiões e do país do que propriamente os grandes rotativos, embora estes, disponham de mais vastos recursos e possam por seu lado, vantagens que a pequena imprensa não tem ao seu alcance.

Se, os grandes jornais mantêm ainda secções dos acontecimentos passados na província, é um facto que essas informações pecam quase sempre por deficiência, limitando-se apenas a registarem nas suas colunas as notícias sobre desastres, roubos, óbitos e a fornecerem o movimento de visitas, quando se trata de locais de interesse turístico. Raramente verificamos nas informações desses correspondentes o mais ligeiro vislumbre de interesse pelos problemas que preocupam as suas terras e os seus habitantes.

A pequena imprensa, neste

(CONCLUÍ NA 8.ª PAGINA)

## Cap. António Gonçalves

Afim de frequentar um curso na Escola Militar de Electrotécnica, encontra-se em Paço de Arcos o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Capitão António dos Santos Gonçalves.

## EM PORTIMÃO

## FEIRA DE S. MARTINHO

TÉM tido desusada concorrência a tradicional Feira de S. Martinho, iniciada em Portimão, no dia 11, e que se tem prolongado por toda a semana.

O vasto recinto compreende, além do Largo do Dique, as avenidas A e B, oferecendo disposição idêntica à do ano passado. O tempo, com sol quente e as noites agradáveis, que caracterizam o verão de S. Martinho, contribuiu largamente para a extraordinária afluência de visitantes que a Feira tem registado — tornando-a, sem favor, a mais importante da nossa província, não só sob o aspecto de distrações, como, principalmente, pelo seu elevadíssimo valor comercial.

A encantadora cidade barlaventina continua, pois, a manter brilhantemente as suas notáveis tradições.

## UM JORNAL UMA CIDADE

FOR  
JOSÉ BARÃO

HÁ UM século a vila de Vigo e os seus quatro bairros anexos (Berbés, Arenal, Salgueiral e Falperá) não contavam mais de seis mil habitantes, número inferior ao da população de Vila Real de Santo António. Tinha quatro boticas, seis médicos, um teatro que trabalhava de longe em longe, duas pensões, uma sociedade de recreio, um colégio de ensino secundário onde se ministrava também o ensino da náutica, um deficiente e mal apetrechado hospital e duas fontes de água potável. A vida do pequeno burgo, apertado nas suas muralhas cujas portas se fechavam ao crepúsculo e se abriam ao nascer do sol, era recatada e padecia das maleitas e ridículos próprios do provincianismo. Não havia cafés, o correio chegava-lhe três vezes por semana e apenas no Berbés, o velho bairro dos pescadores, latejava a vida activa de uma população marinheira que diariamente trazia nas suas barcas, além do pão e do conforto do seu lar, a riqueza da sua terra, o cimento que havia de alicerçar a grandeza da que é

## A exportação DE FRUTAS PARA O BRASIL

No nosso último número manifestamos o receio de que também este ano não houvesse possibilidades de exportar para o Brasil frutas secas, tal como se verificava o ano passado. Diz-nos, porém, a ANI que o governo brasileiro destinou 200.000 dólares para a aquisição das nossas frutas. Oxalá assim seja e que efectivamente a economia do Algarve aproveite uma parte dessa verba.

Quanto a exportação de conservas para aquele país nada consta. Mas parece que vão ser concedidas licenças de importação para vinhos, azeites e outros artigos, entre eles palitos...

hoje uma das mais prósperas e das mais atraentes cidades do vizinho país.

Foi neste ambiente de pacatez, de tranquila normalidade provinciana, que um dia, nos princípios da segunda metade do século passado, Angel de Lema y Marina, um homem que estremeceu a terra em que nascera, lançou a público o «Faro de Vigo». Nós estamos a ver a mediocre audiência que teria naquele meio de pescadores

(CONCLUÍ NA 8.ª PAGINA)

## Monumento a DUARTE PACHECO

REALIZA-SE, amanhã, em Loulé, a cerimónia da inauguração do imponente Monumento com que aquela nobre vila perpetua a memória de um dos seus mais ilustres filhos: o Eng. Duarte Pacheco. Estadista eminente e devotado até ao sacrifício, bem merece de todos os algarvios, porque soube honrar, como poucos, a nossa província. Por isso a homenagem de amanhã constituirá, decerto, uma manifestação de reconhecimento de todo o Algarve.

## Pela Vila...

Foi recebida com merecida simpatia a determinação camarária que torna permanente o fornecimento de energia eléctrica a esta Vila.

E' um benefício cuja utilidade se torna ocioso encarecer — o que registamos com muito agrado.

Iniciaram-se as obras preliminares para o ajardinamento da placa da Avenida da República fronteiriça ao Grande Hotel Guadiana. Trata-se de um embelezamento que constitui uma velha aspiração local, e muito justa se atendermos que, de todas as terras do Algarve, de relativa importância, Vila Real é a única que não dispõe de um jardim.

Fazemos votos para que esta aspiração se torne uma realidade, quanto antes.

Parece que, finalmente, a Biblioteca Municipal vai tornar-se numa grata realidade. Concordemos que não é sem tempo!

Havia quem a considerasse um mito, qualquer coisa muito parecida com o regresso do Senhor D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro... Afinal, com um pouco de boa vontade e a decidida colaboração de alguém de reconhecida competência para a sua organização, vai enfim, satisfazer-se mais esta aspiração dos vilarreleses.

Por iniciativa particular, foi construído, no local da beira rio compreendido entre o Cais do Depósito e a Casa do Salva-Vidas, um plano inclinado, para construção naval, limpeza e beneficiações dos cascos de navios — o que representa um empreendimento de grande utilidade, sobretudo para a numerosa frota pesqueira desta Vila.

Oportunamente faremos, a propósito deste melhoramento, mais detalhadas referências.

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Apontamento

Oh, sim. E' uma maravilhosa flor, esta. Abriu, na estufa, esta manhã. Veja. Parece feita de carne. Não tem qualquer coisa de sangue nas veias? Diga, não tem qualquer coisa de certas horas, de certas noites? Qualquer coisa da vida terrivelmente grande por terrivelmente breve? Siga o meu conselho. Não lhe mande uma carta, talvez insípida. Oh, não. Diga-lhe tudo, tudo, tudo sem dizer uma palavra. Diga-lhe tudo — mandando simplesmente esta flor.

### O argumento

Condénar o luxo? Mas é rematada tolice. Já pensaram na quantidade de pessoas a quem o consumo de artigos luxuosos dá trabalho? E' por essa razão que o ópio, o álcool e os canhões se encontram justificados. Já pensaram na quantidade de pessoas que vivem à custa disso?

### Assim mesmo, meu caro

A grande vitória do nosso tempo é uma pequenina coisa: o convencer-se muita gente que é legítimo — viver.

### A grande força

Poderosa é a vontade do homem. Especialmente se o destino concordar com ela.

### Diário

Tenho diante de mim um folheto sobre os hotéis alemães. Que formidável organização! Nome do hotel, proprietário, situação, distância do apeadeiro, número de quartos, de quartos de banhos, douches, preços... Prosa, algarismos, colunas compactas. Informações sugestivas não apenas sobre monumentos, obras de arte: «Nas terras de província pode, com facilidade, obter uma boa refeição por 1,5 marcos...» A Alemanha marcha para a frente a todo o vapor. Começa por importar turistas; acaba por exportar soldados. Recordo, com angústia, o poeta francês:

«La mère fait du tricot;  
le père fait des affaires  
le fils fait la guerre...»

e tremo. Os jornais, há dias, anunciaram que as fábricas de material de guerra do Ruhr estão a funcionar como nos «bons tempos». Tremo. Mas, acima da minha angústia, sobre a vozinha da Manuela embalando a boneca de trapos. Soberba mais alto que todas as angústias. Sim. A vida acabará por vencer.

## A INDÚSTRIA

### DE CONSERVAS EM ANGOLA

No ano findo, Angola produziu 1.764 toneladas de conservas de peixe. Os principais consumidores foram os seguintes países: Itália, 952 toneladas, no valor de 18.450 contos; Metrópole, 435 e 6.242 respectivamente; Moçambique, 119 e 1.469; França, 116 e 2.636 e Estados Unidos, 107 e 1.777. As cotações subiram de 18\$00 para 18\$50, por quilo, Fob. O mercado interno absorveu 90 toneladas no valor de 1.652 contos.

### Curso de Educação para Adultos

Estão funcionando com regularidade e bastante frequência os cursos de educação de adultos, nesta Vila e em Vila Nova de Cacela.



Portimão — Trecho do Parque Municipal

## Não Não Não

(Um poema, olhem, olhem...)

No arame farpado, ao vento  
balança um corpo esquecido  
como um fruto apodrecido.

Alguém tem sobre a mesinha  
um retrato onde ainda aquece  
sorriso em que se adivinha  
vida que amanhã floresce.  
E agora, ao crepúsculo brando  
de um país desconhecido  
fica a morte balouçando  
sobre um sorriso esquecido  
como um fruto apodrecido.

MARIA MANUELA NUNES

## NOTÍCIAS PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Em gozo de merecidas férias, esteve passando uma temporada, em casa de seus sogros, o nosso prezado assinante e amigo, sr. Vital Mateus A'vila de Avilar, tendo já retirado, com sua esposa e filhinho, para a sua residência, na Amadora.

Com sua esposa e gentil filha, esteve nesta vila, com curta demora, o nosso prezado assinante, sr. Dr. Vasco Nunes, distinto médico em Vila Nova de Cacela.

Regressou a casa de seus pais, após ter prestado o serviço militar, o sr. João Manuel Socorro Domingues.

Encontra-se em Portimão o nosso prezado assinante, sr. Diamantino Pereira dos Santos.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Ribeiro Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

Esteve nesta vila com pouca demora, o sr. António Baptista Brito, nosso prezado amigo e assinante em Lisboa.

### Falecimento

No passado dia 9 do corrente, faleceu nesta vila, o sr. José Lorador, de 69 anos de idade, que foi durante a sua longa vida um grande amador teatral e director da Companhia Lorador.

O finado deixa viúva a sr.ª D. Raquel Mariani Lorador, e era pai das sr.ªs D. Natércia Mariani Lorador, D. Raquel Mariani Lorador e D. Andreina Mariani Lorador Perrolas, esposa do nosso prezado assinante sr. Francisco do Carmo Perrolas, e dos srs. Leonel Mariani Lorador e Asdrubal Mariani Lorador. A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve», sentidas condolências.

## Agradecimento

A família de João Pacheco, recendo incorrer em qualquer falta embora involuntária, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a última morada o seu querido e sempre chorado pai, sogro, avô e parente.

## CONCURSO NACIONAL DE TRABALHO

Afim de representar a Organização Nacional Mocidade Portuguesa no Concurso Internacional de Trabalho, segue para Madrid no próximo dia 19, o vencedor da prova Nacional de Rádio Montador, António Aguedo Afonso Gomes, concorrente pela Casa Manuel da Silva Noy, que soube tão eficazmente representar o Algarve e em especial a nossa terra.

Desejamos-lhe as maiores felicidades e que Vila Real de Santo António se ufane mais uma vez das possibilidades práticas de trabalho que de certo muito se valorizariam com a criação da Escola Técnica Profissional.

Está indeciso?  
Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

## António Pinheiro

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

de ensaiador e inteligente actor».

Pinheiro deixou, também, o seu nome intimamente ligado ao cinema no qual, segundo parece, se estreou em 1910, quando de uma das suas estadias no Brasil. Porém, foi na «Invicta Film» do Porto que revelou as suas grandes aptidões para a arte cinematográfica.

Em 1921 tomou parte nos seguintes filmes:

**Fidalgos da Casa Mourisca** — Realizado por George Pallu, com interpretação de Duarte Silva, Etelvina Serra, Adelina Fernandes, Erico Braga e Mário Santos. Pinheiro fez o papel de Tomé da Povoia.

**Amor de Perdição** — Realizado por George Pallu. Aqui o actor algarvio interpretou o João da Cruz (ferrador) ao lado de Samwel Diniz, Irene Grave, Brunilde Judice e Pato Moniz.

**Mulheres da Beira** — Realizado por Rino Lupo. Os exteriores foram filmados em Arouca com um elenco constituído por Pinheiro, Brunilde Judice, Rafael Marques, Maria Judice da Costa, Ana de Oliveira, Mário Santos, Duarte Silva e outros.

No ano de 1922 entrou em dois filmes realizados por George Pallu:

**O Destino** — Com Palmira Bastos, Henrique de Albuquerque, Maria Emilia Castelo Branco, Maria Clementina, Flora Frizzo, António Sacramento e Raul de Oliveira; e **O Primo Bazilio** com Angela Pinto, Amélia Rey Colaço, Raul de Carvalho, Robles Monteiro, Duarte Silva, Artur Duarte e outros.

A sua actividade não ficou só por aqui. Nesse ano de 1922 a «Invicta Film» entregou-lhe a realização de **Tinoco em bondades**. O êxito foi enorme. O «Primeiro de Janeiro», por exemplo, comentou:

Pinheiro, o grande Mestre, actor de mui saber  
No palco e no «ecran» um homem de valor  
À gente quiz mostrar que pode vir a ser  
Do Cine português um belo director.

Em 1928 entrou ainda nos filmes **Claudia** e **Lucros ilícitos**. No ano seguinte, foi actor, realizador e argumentista de **Tragédia de amor**. No principal papel estreou-se uma sua discípula: Alda de Azevedo.

O nosso biografado entrou também em **Tormenta** (1924), última produção da «Invicta Film», numa realização de Pallu, com Maria Clementina, Alda de Azevedo, José Soveral e Mário Pedro.

Após a falência da empresa portuense, Pinheiro afastou-se do cinema. Dedicou-se então a continuar as suas memórias, dando ao prelo «Coisas da vida» onde recorda atitudes tomadas durante a sua carreira, atitudes que ele pretende servir de exemplo à filha. Dirigindo-se-lhe escreve:

«Quando um dia começares a aprender a ler, se eu já não existir, deixo a tua mãe o encargo de te ensinar a soletrar a minha vida nestes dois livros. Serão eles os primeiros que deverás ler. Quero ter esse orgulho e essa vaidade para ti, visto que nunca tive orgulho e vaidade para os outros».

Prosseguindo na sua actividade de escritor, publicou, ainda, «A figuração no teatro co-

## Noticiário da Província

### SILVES

Inauguração duma escola no estaleiro da Barragem de Silves

Após a cerimónia oficial do corte da fita pelo nosso amigo sr. Dr. Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Silves, (à entrada do Posto Escolar) teve lugar a inauguração da sede deste posto, com uma sessão solene a que assistiram as seguintes entidades, além do sr. presidente da Câmara, drs. José Pais Ribeiro, António Marreiros Leite, Francisco Guedes Castanheira, Virgílio Ferreira Faguiha, director do Distrito Escolar de Faro; Manuel Vieira de Campos Carvalho, engenheiro residente da obra da parte do Estado; Massainho da Graça, engenheiro da Construção Civil; José de Oliveira Bomba, Agente Técnico; Afonso Henriques, Topógrafo da Barragem, D. Ana Vieira Verdasca, D. Emilia Cabido Estiveira Ataíde, D. Ivone Oliva, D. Regina Maló, alunos e alunas e respectivas professoras D. Maria José Bolacha Rosendo, D. Corália Brás e Regente do posto e outras pessoas cujos nomes não nos é possível dar. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao ilustre Director do Distrito Escolar, que dirigiu respeitosa cumprimentos às entidades oficiais, congratulando-se com o facto da inauguração da sede do Posto Escolar da Barragem de Arade, salientando as pessoas do sr. engenheiro Campos de Carvalho e Delegado Escolar do concelho de Silves, que deram o seu contributo para que aquele Posto Escolar fosse criado naquele pitoresco sítio. Referiu-se em termos elogiosos, à actuação do digno Delegado de Saúde de Faro, sr. Dr. José Pais Ribeiro, para debelar a epidemia da «tinha» em crianças e adultos que frequentam as escolas oficiais e postos de ensino. Quanto ao Posto Escolar disse que espera que a Direcção Geral e Subsecretário da Educação Nacional, transformem aquele, dada a regular frequência de alunos, em escola primária oficial, aspiração do povo do sítio da Barragem, onde foi dotado aquele melhoramento. Falou em seguida o sr. dr. Gordinho Moreira, que disse: se há reparos a fazer à obra que as pessoas realizaram — qual fora a sua real conta para melhorar os defeitos?

Teve depois, palavras de carinho para com as crianças que se achavam ali e em especial à professora a quem incube corrigir a formação dos seus espíritos através do ambiente e que fez entrega do edifício à dita Regente. No final ambos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos. Seguiu-se na messe, um «Porto de Honra» oferecido à assistência pelo sr. engenheiro Campos de Carvalho.

mo meio de educação social», «Estética e plástica teatral», ambos em 1925, e «Contos Largos», 1929, que constitui a última parte das suas memórias.

Neste volume o grande artista responde àqueles que o tomaram como um orgulhoso. Na carta-préface dirigida à esposa escreve:

«Sabes bem que quem pensa como eu e tu, quem tem o nosso feito, morre a um canto de dor e desespero... mas não transige, nem consente que lhe cuspiam em cima.

Os bandalhos — os Topaze de encruzilhada — chamam a isto orgulho».

Voltou novamente ao cinema em 1931, interpretando um papel de **A portuguesa de Nápoles**, produção de Melo, Castelo Branco Lda., realizada por Henrique Costa.

Em 21 de Dezembro de 1932 deu a última aula no Conservatório e, no ano seguinte, pisou pela derradeira vez o palco, desempenhando o papel de Cardeal D. Henrique na peça **D. Sebastião**. Continuou ainda como ensaiador até 1940.

Faleceu em Março de 1943 com a idade de 76 anos.

J. Silva Carvalho

## UMA CAMPANHA EM MARCHA

### OS VILAREALENSES

### E OS AMIGOS DOS BOMBEIROS

### PROSSEGUEM NO SEU AUXILIO

### PARA SE CONSTRUIR UM QUARTEL

### DIGNO DE MELHOR SERVIR

### A POPULAÇÃO DA NOSSA TERRA

A CAMPANHA em prol da melhoria de condições de trabalho dos nossos bombeiros voluntários vai seguindo o seu curso. Novos donativos se vão juntando aos já existentes, numa demonstração de solidariedade para com esses heroicos «Soldados do Bem», que nada pedindo para si, individualmente, esperam, no entanto, que os ajudemos a melhorar as suas condições de trabalho tão dedicadamente prestado a toda a gente, sem cuidarem de saber quem reclama os seus serviços de socorro.

Vilarealenses e amigos de Vila Real de Santo António: ajudem o nosso movimento em prol da construção de uma sede para os nossos Bombeiros. Colaborei nesta Campanha, contribuindo com o vosso donativo que tanto pode ser em dinheiro como em espécie, pois todas as formas de auxilio que seja susceptível de aumentar o respectivo Fundo Pró-Sede é por todos nós muito bem recebido e gratamente agradecido.

Vilarealenses e amigos, contamos convosco.

Manifestando o nosso público agradecimento ás pessoas que nos enviaram mais donativos, damos nota das importâncias recebidas:

Transporte . . . . .	10.087\$10
Donativo do sr. João Molarinho Vasques . . . . .	25\$00
Donativo de um anónimo . . . . .	5\$00
A transportar . . . . .	10.117\$10

## Vende-se ou arrenda-se em Gastro-Marim

Prédio, de construção antiga, composto de 1.º andar, vago; 5 armazéns, em parte, também, vagos; e 2 grandes quintais, com dependências, poço e forno e entrada própria; tendo aquele 7 janelas e 11 amplas divisões. Sito na R. João da Guarda Cabreira, junto e disfrutando linda vista para o histórico Castelo e imponente rio Guadiana. Dirigir-se ao Dr. António Cabreira, R. das Taipas, 40, 1.º — Lisboa.

## Cartas plásticas

A Inglaterra, vai lançar em paraquedas, em toda a sua costa, cartas plásticas, em oito línguas, entre elas a portuguesa.

Estas cartas têm um fim científico e as seguintes características:—Envelope nylon com uma lista vermelha, dentro um cartão amarelo com a indicação do que deve fazer.

Todos os pescadores que encontrarem estas cartas e seguirem os conselhos que na mesma contem, receberá dois chelins e quatro dinheiros, que em moeda portuguesa são 10\$00.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República—Telefone 12

## AGENDA

Movimento da Lota de Vila Real de Santo António de 6 a 12 de Novembro:

Traineeiras:

Flor do Sul . . . . .	47.375\$00
Liberta . . . . .	22.765\$00
Raulito . . . . .	19.775\$00
Maria Rosa . . . . .	17.210\$00
S. Domingos . . . . .	16.695\$00
Janita . . . . .	16.640\$00
Tufão . . . . .	15.155\$00
Norte . . . . .	12.700\$00
Flor do Guadiana . . . . .	11.240\$00
Leste . . . . .	9.305\$00
Persistente . . . . .	235\$00
Total . . . . .	189.095\$00

Cercos:

Amazona . . . . .	17.980\$00
-------------------	------------

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 7 a 13 de Novembro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.

DORJDE, Italiano, de 676 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.

Saídos:

COSTEIRO e ZÉ MANEL, Portugueses, para Lisboa, com minério.

DORIDE, Italiano, para Málaga, Marselha e Génova, com amendoa e conservas.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Novembro a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal—Telefone 49.

### HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real — Mértola: Saída de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas.

Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real — Martinlongo: (1) Saída de Vila Real, às 16,30, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas.

Saída de Martinlongo, às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

a) Estas carreiras não se efectua aos domingos.

## Dactilógrafo

Oferece-se ao domicilio, e bem assim para arquivo de correspondência e ficheiro.

Manuel Monchique Ribeiro Alves

Vila Real de Santo António

Telefone 211

## «ECO DE ESTREMOZ»

Festejou, no passado dia 8, o seu quadragésimo quinto aniversário, este nosso prezado colega alentejano, brilhantemente dirigido pelo sr. Adriano da Conceição Mota.

As nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades.

No próprio interesse de V. Ex.ª consulte sempre a

## TIPOGRAFIA SOGORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

## Ao Comércio

Indivíduo apres., educado, longa prática comercial, fanteiro, oferec., para empregado balcão, viajante ou lugar compatível, em casa de movimento. Cede refer.

Resposta: Armandino Simão — Portimão.

## UM ACTOR ALGARVIO

## ANTÓNIO PINHEIRO

Pelo Eng.º J. SILVA CARVALHO

**A** CATEGORIA intelectual de António Pinheiro não tardou que fosse reconhecida por todos os que com ele privavam.

Na «Carteira do artista», editada em 1898, dizia Sousa Bastos:

«Pinheiro é um actor inteligente, bem preparado, com disciplina e recursos para sempre progredir. E' dos poucos actualmente no teatro que poderão no futuro ensaiar».

Como a não desmentir esta profecia, o artista revela-se também escritor, publicando em 1809 o seu primeiro livro: «Teatro português — arte e artistas».

Em 1910, o «Almanaque de Palcos e Salas» tecia-lhe um agradável elogio, donde respigamos as linhas seguintes:

«Se o nosso teatro contasse muitos artistas, muitos artistas conscienciosos, muitos Antónios Pinheiros, atingiria um grau de esplendor e de brilhantismo digno de rivalizar com os primeiros teatros do mundo».

E um pouco mais abaixo:

«António Pinheiro é um rapaz cultíssimo, que possui além duma ilustração geral muito vasta, sempre necessária no teatro, um cabedal de conhecimentos especiais da sua profissão, conhecimentos que lhe assinalam um lugar de preferência entre os actores de primeira fila».

Esta reputação, absolutamente justa, fez que fosse nomeado professor do Conservatório, em 21 de Agosto de 1911. Tinha então 44 anos.

Ainda como escritor, publicou em 1911 uma conferência — «Opereta portuguesa» — e, no ano seguinte, a primeira parte das suas memórias a que deu o título «Ossos do ofício».

Nesta última obra, o artista tem palavras de arrependimento para a arte que abraçou. Assim diz ele:

«Eu despresei o paternal conselho, e segui totalmente os

impulsos asnáticos dos meus 18 anos!

Quizesteis fazer de mim um homem, e eu fiz-me um histrião!

Ah! Bom chicotel!»

Naturalmente, o ingrato meio onde desenvolvia a sua actividade empurrava-o para a luta constante e fazia com que se sentisse, por vezes, maguado de tanta incompreensão.

Mas ele, igual a si mesmo, persistia teimosamente no caminho que a consciência lhe apontava, merecendo de Rocha Martins, o perigoso panfletário, este judicioso julgamento:

«O artista ilustre não chifa-

roteava nos palcos, apalhaçando a sua arte, não transigiu, conservou-se como um sacerdote que, para dizer missa, em tempo de perseguição religiosa, tivesse tomado um ofício, fora da Igreja afim de, sem escrupulos, poder servir a sua querida fé. Ele também procurou, por vezes longe dos bastidores, o pão que não queria ganhar na balburdia infecta dos clownescos espectáculos nos quais outros mergulham».

Pinheiro nunca angariou riquezas. Amou a arte como poucos e bateu-se por ela, sempre desassombadamente, por vezes com uma bravura antiga! Nunca procurou a glória. E preferindo que esta viesse ter com ele, nem sempre o compreenderam!

Da sua multipla personalidade teatral fala-nos Eduardo Brazão que, nas suas Memórias, o considera «o mais sábio homem de teatro, gran-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## SUBSÍDIOS

## PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA DE VILA NOVA DE CACELA

VII

## Monte Gordo do Século XVIII

**E**M 1760, era Monte Gordo um grande centro piscatório, constituído por portugueses e muitos estrangeiros, em especial espanhóis, catalães e franceses. Por falta de casas de habitação, viviam em pequenas cabanas cobertas de palha de centeio e de junco. As casas então eram raras em Monte Gordo e as cabanas ou choças eram tantas que formavam arruamentos.

Esta colónia de estrangeiros, tinha sido atraída àquela povoação, por ali ter sido iniciado, por um tal António Gomes, pescador de Castro Marim, um novo processo de pesca de sardinha, chamado «levada», que além de não ser dispendioso, dava um grande rendimento.

Nesta época, já não existia a pequena vila de Santo António de Arenilha, lambida pelas ondas do oceano.

Santo António de Arenilha, era uma pequena vila que existiu um pouco ao sul de Vila Real de Santo António, que o mar destruiu há séculos e que no dizer de Frei João de S. José, ficava situada na foz do Guadiana, do lado de Portugal, na volta que a costa faz para o norte, para dar entrada naquele rio.

Era uma vila antiquíssima. Foi seu donatário, António Leite, capitão em Mazagão e mais tarde em Zamor, por concessão de D. João III, pelo seu casamento com a sua primeira mulher, como recompensa dos serviços prestados à Pátria, naquelas paragens. Depois, por sua morte, passou a constituir senhorio de seu filho, Luiz Leite.

A esta pequena vila afluíram muitos pescadores andaluzes e catalães e a influência espanhola era tão decisiva, que se denunciava no próprio nome de «Arenilha», que D. João III, por carta régia de 20 de Agosto de 1542, terminantemente proibiu de ser usado. (Torre do Tombo, Chancelaria de D. João III, Livro 33 fls. 82).

Mas apesar disso, o povo continuou sempre a designá-la por «Arenilha», como anteriormente, tal a força da tradição e do hábito, embora pouco honroso para o brio nacional.

Fosse como fosse, o que é certo é que, na última metade do Século XVI, era ainda a Vila de Santo António de Arenilha um pequeno centro piscatório do sotavento algarvio, mas já nos princípios do Século XVII, apenas existiam as suas ruínas e decorridos poucos anos, eram estas engulidas pelo oceano. Hoje só existe como recordação da submersa vila, a chamada Ponta de Santo António.

Os seus habitantes espalharam-se então, pelos campos e povoações vizinhas, Castro Marim e Cacula, mas muito especialmente, Monte Gordo, onde muitos foram construir as suas cabanas de palha de centeio e continuar a sua vida de pescadores.

Ao mesmo tempo, em consequência do desaparecimento de Santo António de Arenilha, foi transferida para Monte Gordo a sede daquela freguesia, servindo-lhe de paróquia a ermida de Nossa Senhora das Dores, bem como o Santíssimo Sacramento e a Pia Baptismal.

Este facto, deu uma maior importância à povoação de Monte Gordo, e tanto que em 1770, a vamos encontrar um grande centro piscatório, em pleno de-

envolvimento, embora sofrendo uma grande influência espanhola. Era então seu governador, o Sargento Mor de Infantaria, Francisco Mendonça Pessanha.

Parece, que nesta época, (Século XVII), a área desta freguesia era muito maior, abrangendo toda a freguesia actual de Vila Real de Santo António, (à excepção do sítio do Barranco, onde hoje se ergue a vila), e parte do de Castro Marim, e tanto assim deve ser, que no Livro 19, fls. 416, da Chancelaria da Ordem de S. Tiago, se encontra registada uma Provisão de licença ao padre Domingos Dias da Fonseca e outros, datada de 14 de Julho de 1689, para edificarem uma ermida em S. Bar-

(CONCLUI NA 7.ª PAGINA)

## DE VEZ EM QUANDO...

## BEM FAZIEIR

**Q**UEM ler com atenção o noticiário dos jornais há de reparar que enquanto o Norte do País se movimenta numa acção constante de bem-fazer, o Sul se mantém pouco menos que apático.

É a construção do hospital, a sua conservação ou desenvolvimento; é a cantina auxiliando e desenvolvendo a acção da escola; é a abertura da estrada pelo exclusivo esforço das populações; é a reparação do caminho que lhes é tão necessário.

Presentemente avolumam-se os cortejos de oferendas atingindo o valor de alguns a casa das centenas de contos. Eu preferia este movimento mais espontâneo e menos exibicionista. E' bem certo que a vaidade é congénita no homem. Mas atingem o que pretendem e só há que render-lhes louvor.

Qual a razão deste movimento? Não a posso filiar exclusivamente na magnitude de sentimentos. Seria rebaixar o Sul que o não merece.

O meu conzelho criou há anos um modesto hospital mas de cuja eficiência ninguém de boa fé pode duvidar. Bastantes trabalharam para o erguer, muitos contribuíram para o desenvolver.

Todos os que podiam? Bem sabemos que não. Há ainda entre os de maior fortuna quem não tivesse contribuído.

## OBRAS PÚBLICAS

## O QUE SE TEM FEITO EM PORTUGAL

Pelo Dr. GOELHO DO VALLE

**F**ORAM enviados para os jornais pelo Ministro das Obras Públicas alguns esclarecimentos sobre o valor e a quantidade das obras realizadas de 1928 a 1952, os quais se exprimem em números cujo significado é amplamente justificativo da adesão de todos os portugueses manifestada plenamente no acto eleitoral de 8 de Novembro.

Efectivamente, no referido período dispenderam-se 11.630.970 contos em obras públicas assim discriminadas: estradas e pontes, 4.141.549, ou seja 35,61% do total; hidráulica fluvial, 1.275.173, ou 10,96%; hidráulica marítima, 1.119.395, ou 9,62%; instalações de serviços, 1.015.451, ou 8,73; estabelecimentos de ensino, 804.689, ou 6,92; estabelecimentos de assistência, 790.164, ou 6,79%; quartéis, 740.387, ou 6,37; casas de habitação, 452.113, ou 3,89%; abastecimentos de água, 215.910, ou 1,86%; arruamento, 208.558, ou 1,79%; estabelecimentos culturais e monumentos, 190.080, ou 1,64%; outras realizações, 184.340, ou 1,58%; estabelecimentos prisionais, 179.631, ou 1,55%; instalações desportivas, 99.012, ou 0,85%; levantamentos topográficos urbanos e urbanisação, 62.623, ou 0,54%; igrejas e seminários, 58.622, ou 0,50%; edificios não discriminados, 47.702, ou 0,41%; e saneamento, 45.571, ou 0,39%. Além disso, as participações do Estado para obras de interesse local somam 1.366.119 contos, montante dos auxílios

financeiros concedidos ás autarquias locais e entidades de interesse público, que em média geral são de 40%, do custo das obras que assim terão totalizado cerca de 2.300.000 contos.

Quanto ao trabalho realizado durante o mesmo período nas estradas e pontes, na rede nacional construíram-se 5.200 quilómetros de estradas novas, e 240 de pontes novas, tendo sido suprimidas 129 passagens de nível; na rede municipal realizaram-se 9.080 quilómetros de terraplenagens, e 3.500 de pavimentações, e não se fala nos trabalhos de reconstrução e reparação das estradas, que só do nome o eram, existentes em 1926. Com respeito a instalações de serviços, construíram-se ou adaptaram-se a Assembleia Nacional e Presidência do Conselho, Ministérios das Finanças, Educação Nacional, negocios Estrangeiros, Instituto Nacional de Estatística, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Secretariado Nacional da Informação, instalações várias para os Serviços Pecuários, Agrícolas e Florestais, Emissora Nacional, administrações portuárias, 9 estações fronteiriças, 22 postos de viação, 24 edificios para a Caixa Geral de Depósitos, 97 para os Correios, comparticipação de 2.500 obras de autarquias locais, 1.460 escolas primárias com 2.999 salas de aula, 29 cantinas escolares, 22 novos liceus, e 8 obras de adaptação e ampliação, 4 novas escolas técnicas, e 2 obras de adaptação e ampliação, O Instituto Superior Técnico, Faculdades de Engenharia do Porto, e Letras de Coimbra, beneficiaram-se os Hospitais Centrais existentes, e construíram-se o Hospital Escolar de Lisboa, 3 novos sanatórios para tuberculosos, e 6 ampliações e remodelações, 80 dispensários e centros de vacinação, Hospital-Colónia para leprosos, Instituto de Oncologia, 2 Hospitais para alienados, e 1 grande remodelação, 430 obras assistenciais comparticipadas, 16.187 casas económicas, 646 abastecimentos de água domiciliários, e 2.545 por fontanário, 224 redes de esgoto, 415 cemitérios, 858 electrificações, 2 estádios, e comparticiparam-se campos de jogos, ginásios, etc., renovaram-se 13 museus, 2 teatros nacionais, 1 arquivo, e 1 biblioteca, restauraram-se totalmente 60 monumentos nacionais, e realizaram-se obras parciais em muitos outros.

Vê-se bem que não foram preferidas as obras de fachada ou espavento em detrimento das de interesse nacional e social, o que justifica plenamente o esmagador triunfo eleitoral dos candidatos que apoiam o Governo do Estado Corporativo Português.

**JOSÉ BORGES DA GAMA**

MÉXICO

Abriu consultório na  
Rua Conselheiro Frederico Ramirez  
Consultas às 16 horas

Vila Real de Santo António

Trindade e Lima

## GAZETILHA

## 11 DO 11

Festejou-se há alguns dias, com poucas anomalias, uma data pitoresca, por meter duas versões e enlôbar libações de pôr a cabeça fresca!

Há, em primeiro lugar, nessas versões a citar, a do famoso armistício, o fim de uma grande guerra que deu luto e fome à terra sem sombra de benefício.

A seguir, sabem, decerto, nem é preciso ser esperto... celebra-se o S. Martinho: goluseimas, bons petiscos, fritos, quizados, mariscos e o indispensável vinho...

Se, por acaso ou por sorte, na guerra escapou da morte e é bom «copo», o celebrante, então amigos, a festa atinge fases como esta:

«Vejo quatro, ou dois por diante?»

BIN OCLO

# Página dedicada á cidade de Portimão

## SMART

Casa especializada em:

TECIDOS RÚSTICOS  
MOBILIAS E FERROS FORJADOS

Tudo para decorações

TELEFONE 442

Rua Dr. António Cândido, 15  
PORTIMÃO

## António Guerreiro de Matos

FERRAGENS - DROGAS - FERRAMENTAS

Produtos ROBBIALAC

TUDO PARA PINTURAS

TELEFONE 273

Rua França Borges, 36  
PORTIMÃO

## Frutos Secos do Algarve

EXPORTAÇÃO

FIGOS-AMENDOAS-ALFARROBAS

MARCA REGISTRADA

«VASCOS»

## Vasco & Irmão, L.<sup>da</sup>

PORTIMÃO

## RELOJOARIA SILVA

de José Francisco da Silva

Executa com perfeição e  
garantia todos os consertos  
em relógios, ouro e prata

Venda de Relógios das melhores marcas

Rua João de Deus, 32

PORTIMÃO

## Joaquim Madeira Caracol

NEGOCIANTE DE PEIXE

Telefones { Mercado 392  
Residência 376

PORTIMÃO

## Pensão Algarve

DE

Manuel Fernandes Enxerto

BONS QUARTOS

ESMERADO SERVIÇO DE MESA

TELEFONE 134

PORTIMÃO

## A FEIRA DE S. MARTINHO

NESTES últimos tempos temos assistido às mais diversas transformações na nossa cidade. No aspecto de diversões populares, sempre simpáticas e atractivas, o facto assume proporções verdadeiramente notáveis. São as consagradas Festas da Amendoeira e do Carnaval que atraem à nossa terra milhares de forasteiros, são diversos motivos desportivos na Praia da Rocha em plena época estival, são, ainda, as Festas dos Santos Populares que nos seus primeiros passos, trémulos e hesitantes, foram correspondidos merecendo a preferência e simpatia de todos nós. Este conjunto de motivos populares iniciando a sua carreira em precárias condições e com ligeiras falhas de organização, têm algo de comum com a Feira de S. Martinho que este ano se realiza de 11 a 18 de Novembro. Tal como aquelas a Feira de S. Martinho teve os seus pessi- mos períodos de desenvolvimento, quando do seu início, e como regra geral acontece a todas as revelações, marcando, sempre, lugar de preponderancia entre as realizadas na nossa Provincia. Passados que foram anos e anos consecutivos de dedicação e esforços, a Feira desenvolveu-se sistematicamente merecendo presentemente o titulo da melhor e maior Feira do Algarve, titulo que se justifica dada a importância Commercial e Industrial do nosso Concelho, que se desenvolve, também, dia a dia.

Este ano, a Feira de S. Martinho está mais bela! O seu aspecto estético e ornamental foi valorizado grandemente, dado que as suas diversões, stands e barracas de todos os tipos se encontram numa melhor ligação, espalhando-se pelo Largo e Avenidas do Dique, numa disposição que permite um maior desfogo e circulação do público, que ainda o ano passado se comprimia no Largo Teixeira Gomes e no ponto de passagem obrigatória, em que por assim dizer se situava o maior grosso das suas barracas. E, portanto, com justificada satisfação que notamos o desenvolvimento da Feira de S. Martinho. As crises continuas que nos atacam quando escasseia o peixe, não a atrofiam, pois aqui se reúne grande numero de comerciantes, lavradores e público de toda a Provincia, que lhe dão extraordinário movimento e motivo ao escoamento dos mais diversos artigos, realizando-se bom negócio em toda a Feira e dando, até, novas possibilidades ao comércio local que se agita e sente a sua influencia.

E são dias e dias de negócio, de movimento e alegria, luz e cor, música e novos cantos a Portimão! Reunem-se nesta feira o maior numero de diversões, barracas de quinquilharias, esplanadas de «farturas» e bebidas, etc., numa imensa legião característica dos costumes das romarias populares e do regionalismo algarvio, o qual tem os seus director representante nos oleiros e esparteiros, com suas obras manuais bastante agradáveis à vista. Mas, sobretudo, a Feira de S. Martinho é a causa directa de factores importantes e simpáticos dos quais não prescindimos, tão habituado no nosso espirito está o hábito de acolher com requintes de amabilidades e de revelante hospitalidade, os forasteiros que até nós se deslocam atraídos pela fama de que a Feira disfruta, impulsionando com a sua presença toda a vida da cidade. Eles a animam dando-lhe notas muito pessoais, conhecendo-a nos seus aspectos e costumes, dando lugar a transacções que doutro modo não se realizariam. Eles serão, ainda, amanhã, os propagadores do nome e das belezas de Portimão. Também o turismo tem o seu lugar de relevo nos interesses da Feira, pois o impõe a sua repercussão.

## Aos nossos assinantes

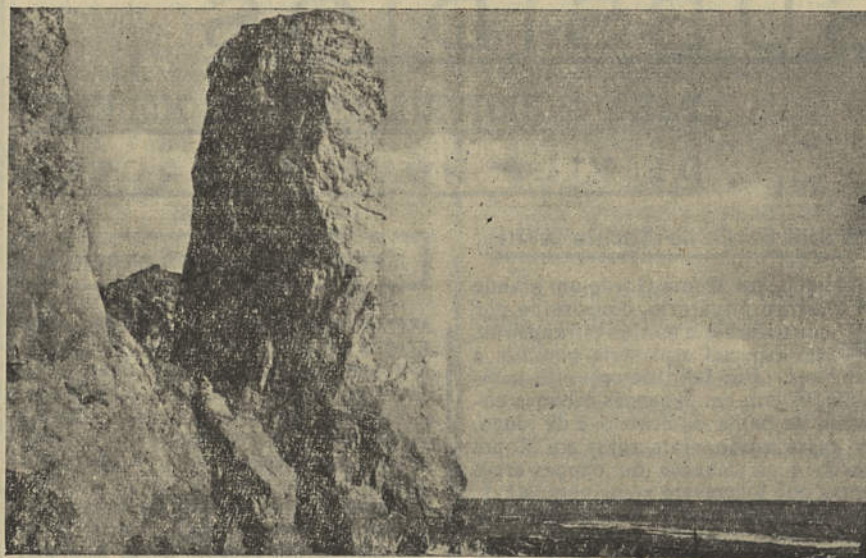
A todos os nossos prezados leitores a quem temos a honra de enviar o «Notícias do Algarve», esclarecemos que os consideraremos nossos assinantes, desde que não devolvam os números 23 e 24.

Para o Portimonense amigo da sua terra o facto assume aspectos diversos. Diverte-se e enreda-se na massa gigantesca do povo, disputando os lugares vagos nos automóveis e carrousséis, concorrendo a todas as diversões levados pelo contágio da alegria que emana dos seus cartazes, usufruindo o prazer espiritual de saber que a Feira de S. Martinho é mais do que um ligeiro espectáculo ao sabor do gosto popular.

E é, sem dúvida! Ela é uma fonte de diversão, sim, mas que honra a cidade e lhe dá novas perspectivas económicas e turísticas. Assim, Portimão, cidade privilegiada, vista em belezas sem rival, vê aumentado consideravelmente o seu prestígio, o seu nome!

Eis duma maneira geral o que nos proporciona a Feira de S. Martinho, que deve ser visitada por todos os algarvios.

A. Simão



Aspecto da Praia da Rocha

## Justificação!...

SÃO estas páginas do «Notícias do Algarve» dedicadas à laboriosa cidade de Portimão e a presidir o critério de enaltecimento os seus vastos horizontes económicos e turísticos, numa colaboração simples e desataviada!

A ideia desta homenagem nasceu dum sentimento espontâneo, rodeado de entusiasmo, cuja efectivação constitui uma ligeira manifestação de solidariedade de jovens portimonenses, amantes dedicados da terra que lhes foi berço. Contudo, as boas intenções dos autores seriam logradas se não lhes fosse prestada a necessária colaboração do «Notícias do Algarve» na pessoa do seu proprietário, sr. Armando Rocha Cruz, da Câmara Municipal de Portimão e do comércio local, que acolheram jubilosamente a ideia de homenagem a esta cidade por ocasião da tradicional Feira de S. Martinho, colaborando com interesse no que lhe foi solicitado e dentro das suas possibilidades, o que muito amavelmente registamos e agradecemos.

Tentamos ir um pouco mais além do que permitiram as nossas possibilidades, facilidades concedidas e tempo disponível, bastante escasso, por sinal! A razão da nossa vontade está aqui bastante visível, embora saibamos que esta não é a homenagem suficiente e digna ao prestígio da nossa cidade.

Mas voltaremos um dia, mais aptos e mais unidos! Importa, pois, estimular o gosto por iniciativas que tendam a prestigiar o bom nome de Portimão.

Os Autores

## José da Encarnação Guinote

Acompanhado de sua esposa, partiu no passado domingo para Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso amigo sr. José da Encarnação Guinote, antigo comerciante na nossa cidade e que disfrutava de gerais simpatias.

A José da Encarnação Guinote, a quem saudamos amistosamente, desejamos-lhe as maiores felicidades.

## PORTIMÃO

## TURÍSTICO

PORTIMÃO, escasso em monumentos históricos e obras de arte criadas por artistas célebres é, contudo, um grande e valioso centro de Turismo, não só como ponto de partida para a luxuriante estância das Caldas de Monchique, a formosa Sagres ou o imponente Cabo de S. Vicente, mas também pelas belezas que em si encerra, tantas que o forasteiro raramente as olvida. A natureza, avara por vezes, foi pródiga para Portimão, dotando-a com algo de muito belo: a Praia da Rocha, cantada nas estrofes poéticas de

maneira este conjunto de praias.

Sobretudo, na Praia da Rocha não se deve deixar de visitar a Fortaleza de Santa Catarina, edificação que outrora defendia a Barra contra a pilhagem dos nossos agressores, cujo mirante domina a vasta extensão do Atlântico e onde o espirito se distrai evocando épocas históricas em que os nossos feitos heróicos ficaram bastante assinalados.

Mas deixemos a Praia da Rocha entregue aos seus louros e seguindo pela estrada que lhe dá acesso aproveitemos para vos falar dos Bairros Sociais. Ali também existe algo palpável e digno, obras realizadas pelo Estado Novo. É graciosa a edificação das moradias dos nossos Bairros, como são, aliás, todos os bairros algarvios, com suas chaminés tipicamente algarvias que junto aos canteiros de flores lhes emprestam vivacidade e graça. E como de flores vos falamos não queremos deixar de vos dizer que Portimão é uma cidade florida, não só pela atracção dos seus jardins, bastantes jardins, espaçosos, bem cuidados e plantados, como sobretudo pelo seu Viveiro Municipal e as suas estufas onde existe extraordinária vegetação de flores, das mais diversas, belas e raras, lugar de recreio e meditação, em que as suas extensas Avenidas lhe dão novos atractivos, rodeadas de bancos cobertos de trepadeiras e palmeiras, cujas sombras acolhedoras convidam ao repouso. Um lago, habitado por peixinhos vermelhos é a distracção permanente da petizada feliz e alegre.

O rio Arade é outro atractivo valioso. Correndo por entre duas imponentes pontes, ele abarca em si a alma e a vida de Portimão. Corre calmo e dolente, como dolentes e calmos são outros motivos pittorescos. E quem, nas noites luarentas, atravessar a nossa ponte de tráfego, admirará um espectáculo deslumbrante: as luzes da cidade, dos seus lampeões, dos seus estabelecimentos e reclames, numa profusão de cor e conjunto reflectem-se nas águas límpidas do rio, coalhado de escamas prateadas, como se logo quizesse mostrar ser nossa principal fonte de riqueza.

Relevando agora estes atractivos, que impressionam pelo seu prazer espiritual, referir-nos-emos aos poucos monu-

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

consagrados artistas, aquela a que o mar canta canções de amor na sua suavidade, embalando em si os barcos que partem barra fora para nos trazer o que de mais precioso existe para a nossa vida económica: o peixe. A obra maior com que a natureza, nos dotou é, precisamente, a Praia da Rocha onde o clima é belo e suave, calmo o mar, mesmo no Inverno, e onde os contornos graciosos de infundáveis rochedos se sucedem caprichosamente até João de Arens, célebre pelas suas incomparáveis grutas. Até lá, surge-nos a Praia dos Castelos e a Praia das Mesas, esta num enorme conjunto de rochas talhadas como se de facto mesas fossem, e aquela dominada por excelente miradouro, donde se disfruta um panorama vasto e surpreendente. Antes de João de Arens, há ainda a Praia do Vau, larga, limpa e sossegada, que une da melhor

Se não é assinante do «Notícias do Algarve» peça a sua inscrição ao nosso representante em Portimão.

## Grémio do Comércio de Portimão

(Decreto n.º 29.232 de 8-12-1938  
Alvará de 15-10-1940 e 7-2-1944)

Delegações: { LAGOS, VILA DO BISPO  
ALJEZUR E MONCHIQUE

SEDE:  
Rua Dr. António Cândido, 21-1.º  
TELEFONE 114

PORTIMÃO

## TÓNICO IDEAL

PREPARADO EXCELENTE PARA DESTRUIR TODOS  
— OS PARASITAS DA CABEÇA E DO CORPO —  
COMBATE A CASPA E PORTIFICA O CABELO

Frasco pequeno 3\$00 - Grande 5\$00

Depósito Geral:

Farmácia e Perfumaria  
Guilherme F. Dias  
PORTIMÃO

# Página dedicada á cidade de Portimão

## PARTISTE!

*Partiste!  
Fiquei triste, pensativo,  
O meu peito a dor achou!*

*Só por única lembrança  
Tua janela ficou!*

*Partiste!  
Ficou sem alma a janela,  
Só e triste, sem ninguém...  
...Que a alma dela eras tu...  
Tal a janela, sem ti,  
Fiquei sem alma também!...*

*Bate a chuva na janela,  
Põe-se a janela a chorar!...  
Por chorar tanto a janela  
Nos dias que vão passando,  
Na janela encontrei par!...*

*Por chorar tanto a janela  
Aos meus olhos se igualou!...*

*Só por única lembrança  
Tua janela ficou!*

*Partiste!  
Dia após dia esperei  
A carta que prometeste...  
...Sem me escrever's carta alguma  
Com isso mais foste alando  
A chama que me acendeste!...*

*P'ra matar minhas saudades,  
Nem carta nem tu chegaram...  
Passaram-se anos sem fim...  
Já são neve os meus cabelos,  
As faces se me enrugaram!*

*Passaram-se anos sem fim...  
De ti, ninguém mais falou!...*

*Só por única lembrança  
Tua janela ficou!*

*Partiste!  
E tal como eu a janela  
Também teve a mesma sorte...  
Envelheceu, esperando  
Quem sabe, talvez, até  
Que à porta lhe bata a morte!...*

*Envelheceu, esperando  
Alguém que nunca voltou!...*

*Só por única lembrança  
Tua janela ficou!*

Manuel António Rodrigues da Silva

## PORTIMÃO SOB OS PRISMAS

### COMERCIAL E INDUSTRIAL

PORTIMÃO, cidade laboriosa por excelência, beijada pelo sol e pelas águas do Arade, outrora sulcada pelas naus defensoras da terra portuguesa, hoje caminho por onde passa quase toda a riqueza de uma região generosa, conta actualmente uma população de 15.000 habitantes, cujo trabalho, dividido pelos diversos ramos, dos quais o maior é certamente o da pesca e fabricação de conservas de peixe, a dignificam e dela fazem a cidade mais progressiva do Algarve.

Edificada nas margens do rio que já outrora inspirava a poesia mourisca, reflectindo nas suas águas o recorte irregular do casario que, colina acima, se comprime como cacho compacto de abelhas desgarradas, traçando no céu de um azul luminoso de cobalto a prolongada linha dos cumos mais distantes, na qual se destaca a eterna silhueta do campanário da velha igreja, Portimão, de privilegiada situação como ângulo principal do triângulo turístico formado por Sagres, Monchique e Praia da Rocha, leva actualmente a palma a muitas estâncias turísticas de créditos firmados pela propaganda sábia e política sagaz que ao redor delas se tece, sendo por vezes mínimos os seus motivos de interesse.

É Portimão o segundo centro comercial e industrial da provincia algarvia. Seu comércio ostenta-se principalmente na parte central da cidade, em edifícios de moderno traçado arquitectónico, que fazem da ainda há pouco Vila Nova de Portimão uma cidade moderna, garrida, onde não é difícil descurtar por vezes o toque gentil da fragância feminina. E apesar das crises que periodicamente atacam esta ridente cidade do Barlavento algarvio, esse comércio progride, rasgando novos horizontes numa marcha lenta, metódica, mas segura, numa constante reforma de costumes seculares, progresso tanto mais para louvar quanto maiores forem as dificuldades a vencer.

Passou-se já da fase das aventuras comerciais, que tantas vezes trouxeram a ruína e desprestígio a tantos comerciantes, para o comércio sério, honesto e consciente, que se

torna duradouro e cria raízes na própria honestidade.

Assim o comércio portimonense, que já se ramificou por todos os sectores, adquirindo uma situação prestigiosa que muito honra a cidade, é sem favor classificado como o primeiro do Algarve, tanto pela quantidade, verdadeiramente notável, de casas comerciais que trabalham respeitando os interesses do público, como pela sua variedade, que torna Portimão uma cidade apta a satisfazer, comercialmente, todas as necessidades da sua elevada população.

E certamente que quem tiver

e em que as deficiências ainda existentes não devem contar ante a grandeza da obra já feita.

Mas, sobretudo, Portimão é uma cidade industrial. Lá de fora da barra, em barcos que sulcam galhardamente as águas calmas deste mar prodigioso, chega até nós diariamente a mola vital de toda a actividade portimonense: a sardinha.

Nas largas avenidas que marginam o Arade, sucedem-se as edificações das fabricas de conservas. Aqui impera a industria, e as silhuetas das chaminés que sobem ávidas de luz, são símbolos de força construtora, trabalho, energia. E' tudo isto que faz de Portimão a cidade querida dos forasteiros e o orgulho dos seus filhos; que a eleva num esforço, continuo em que estão empenhados todos os sectores da sua actividade e que tornou em pouco mais de cinquenta anos a ve-



Portimão visto do Rio Arade

oportunidade de admirar à noite o conjunto luminoso das montras de algumas das nossas principais artérias, como a rua França Borges, não deixará de pensar que Portimão é uma bela, grande e alegre cidade, em que se vive e se trabalha,

lha e insalubre vila de Portimão, na moderna e higiénica cidade de Portimão, hoje orgulhosa de si mesma, traçando o caminho do futuro que se adivinha ridente e próspero!

Gandelas Nunes

## Portimão Turístico

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

mentos que possuímos. Embora raros, não deve o forasteiro apreciador deixar de visitar o Convento que foi dos Franciscanos e que se situa na estrada que conduz à Praia da Rocha. Motivos de agrado são a Igreja Matriz com um belo pórtico em ogiva a atestar a sua antiguidade e o Colégio que data do tempo dos Jusuitas do século XVII, seus fundadores, onde ainda se exerce o culto religioso e está instalado o Hospital da Misericórdia.

Nos arredores, são dignas de visitar-se as Ruínas da Abicada, restos de uma «vila» romana, que constitui uma das mais importantes descobertas arqueológicas no nosso País; o Castelo do Arade, antiga fortaleza de S. João e hoje vivenda particular, fronteiro à Fortaleza de Santa Catarina, na outra margem do rio e na vila de Ferragudo, que foi antigamente um dos nossos melhores fortes de defesa; a Igreja Matriz de Alvor com seu pórtico estilo manuelino-renascença, tido como grande preciosidade, e as Ruínas da Necrópole de

Alcalar, classificadas como Monumento Nacional, valores que honram Portimão e a Provincia e constituem gratas preciosidades.

Depois das menções feitas atrás, recomendamos, também uma visita a umas grutas ainda não exploradas convenientemente, vastas e fartas de estalagmites e estalactites, próximo da Mexilhoeira da Carregação. Será uma visita difícil dada a inexploração do local, mas compensadora como espectáculo, único nesta região.

Além de tudo isto, Portimão tem muito mais, digno de referência. São as suas artérias comerciais, com seus prédios elegantes e montras sem número pejadas de artigos dispostos com arte; são as suas modernas edificações, fazendo-se notar a existência de um bom coreto de antiga construção, são em suma a vida laboriosa duma cidade que tende a desenvolver-se.

Portimão é servido pelas melhores estradas, tem vias de comunicação com todo o País possuindo os melhores ho-

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

## FOTOGRAFIA OLIVEIRA

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

Trabalho para Amadores

Revendedor de todos os materiais fotográficos

Agente dos materiais «ADOX»

TELEFONE 128

Rua 5 de Outubro, 18

PORTIMÃO

## Pensão Sol

1.ª Classe

TELEFONE 344

PRAIA DA ROCHA

Quartos com banho privativo

Ambiente seleccionado

Sossêgo

Esmerado serviço de mesa

Recolha de carros privativa

Newly Opened

14 room equipped with hot and cold water.

Room with private bath.

Modern furnishis

Rates Esc. 60 to Esc. 80 - Per Day

## ELECTRO-RADIO

DE

Manuel Andrade Santana

Venda e Reparações de todos os tipos de Rádios

Rua Dr. António Cândido, 32

PORTIMÃO

## Manuel da Silva Duarte

DELEGADO DA COMPANHIA DE SEGUROS

DOURO

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TELEFONE 215

PORTIMÃO

## Livraria e Papelaria Algarve, Limitada

PAPEIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LIVROS E ARTIGOS ESCOLARES

PERFUMARIA E BRINQUEDOS

Rua Dr. António Cândido, 25-27

TELEFONE 432

PORTIMÃO

Assine, pois, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

### Foto Sport de Oliveira-Braga

FOTOGRAFIAS PARA DOCUMENTOS

TRABALHOS PARA AMADORES

FOTOS ARTISTICAS COLORIDAS

- A PASTEL E AGUARELA -

FOTO TINTAS E OLEO TRANSPARENTE

REPRODUÇÕES - AMPLIAÇÕES E ESMALTES

Rua Miguel Bombarda, 49

PORTIMÃO

### ELECTRO-AUTO

DE

ANIBAL A. DE SOUSA GLÓRIA

TELEFONE 439 PORTIMÃO

Reparações eléctricas em Automóveis

Bobinagem e Reconstrução de Baterias

DINAMOS - MOTORES - MAGNETOS

Agente do Super-Lubrificante «REDEX»

### Cabeleireiro José E. Alves

Executa todos os sistemas de permanentes, mises e modernos penteados, a baixos preços

Mantém contacto directo e permanente com os maiores Técnicos de França, onde adquiriu prática durante muitos anos

Perfumarias - Pinturas

Rua 5 de Outubro, 37

PORTIMÃO

Oportunamente «Noticias do Algarve» inserirá colaboração da sua terra e defenderá os seus interesses

**Sociedade Sam Domingos, Lda.**

Por escritura de 10 de Outubro de 1953, lavrada a fls. 29 e seguintes do livro n.º 88 do cartório notarial do concelho de Castro Marim, a cargo do bacharel João Lourenço, o sócio António Mateus da Silva, devidamente autorizado pela sociedade e pelos demais sócios, cedeu a sua quota de 200.000\$00 que possuía nesta sociedade ao sócio João Gregório, com todos os seus respectivos direitos e obrigações, e o sócio António Ramos, devidamente autorizado pela sociedade e pelos sócios, dividiu a sua quota de 100.000\$00 que possuía na mesma sociedade em quatro de 25.000\$00 cada e cedeu uma de 25.000\$00 a João Ferreira Gregório, outra de 25.000\$00 a José Ferreira Gregório, outra de 25.000\$00 a Rita Ferreira Gregório e outra de 25.000\$00 a Francisco Alves do Carmo Pessanha, com todos os seus respectivos direitos e obrigações.

Castro Marim e Cartório Notarial, 25 de Outubro de 1953.

O Notário,  
João Lourenço

Ficando a pertencer actualmente ao sócio João Gregório 80% do capital social e os restantes 20% aos actuais sócios.

**EDITAL**

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Manuel de Sousa Vaz requereu licença para instalar uma padaria de fabrico de pão de trigo de farinha em rama, em regime de trabalho caseiro e familiar autónomo, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situada em Santa Rita, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro, confrontando ao norte com o requerente, ao sul com Maria Isabel, ao nascente com a estrada municipal e ao poente com Rosa Amália.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 19 de Outubro de 1953.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,  
João António da Silva Graça Martins

TRIBUNAL JUDICIAL  
Comarca de Vila Real de Santo António

**ANÚNCIO**

2.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Francisco Nunes Correia, Juiz de Direito na Comarca de Vila Real de Santo António.

FAZ SABER que no dia 14 de Novembro corrente, pelas 11 horas, à porta deste Tribunal Judicial, se há de proceder à arrematação em hasta pública e primeira praça, pelo maior lance oferecido acima do valor indicado, do prédio que abaixo se descreve, penhorado nos autos de execução sumária que Carlos Martins Elias, casado, industrial, residente em Loulé, move contra Francisco Ildefonso, divorciado, residente na freguesia de Martinlongo.

PRÉDIO A VENDER

Uma courela de terra, com árvores, no sítio do Barranco de João Cavaco, freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, que confronta do norte com António Nascimento, nascente com Manuel Rodrigues, sul com José Guerreiro e poente com José Bárbara e outros, alodial, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo 1.425. e que vai à praça por 29.535\$00.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Francisco Nunes Correia

O chefe da Secção de Processos,  
Adelino Augusto Miguens Carvalho

**Trespasa-se**

A «Casa Chic», de Portimão, por motivo de retirada. Excelente local e muita clientela.

Rua Dr. António Candido — Portimão.

**Holland-America Line**  
**SERVIÇO REGULAR MENSAL**

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 25 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«PILCOMAYO» - 21 de Novembro

«LOCH RYAN» — 3 de Dezembro

«LOCH AVON» — 17 de Dezembro

AGENTES GERAIS

**CARLOS GOMES & C. A. L. DA**

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21148 — 21789

**PENSÃO FELIX**

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António

**A ILUSTRADORA**  
LIMITADA

Rua de S Paulo 232  
LISBOA  
TELEF: 25764

FOTO-ZINCO  
TRICROMIA  
FOTOGRAVURA  
ZINCO-GRAVURA  
E  
DESENHO

**CASA TRINDADE**

Viuva de José da Trindade Coelho

TELEFONE 8

FAZENDAS — SEDAS — ALGODÕES  
ETAMINES E PANOS BRANCOS

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

CHAPEUS PALMARES

GABARDINES

o mais completo sortido de

CALÇADO

A casa que V. Ex.ª deve preferir

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

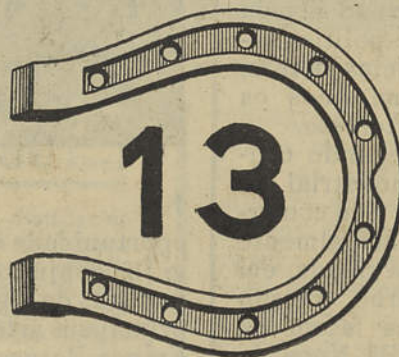
Soc. de Rep. Cupertino  
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

**VINHOS DO CARTAXO**

**MARCA DE VINHOS**  
de Consumo e Exportação  
**QUE MARCA**

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa  
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

**África e Brazil**

**PREÇOS EM CONCORRÊNCIA  
PARA TODOS OS MERCADOS**

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,  
«Minha Ultima Marca»  
e «Aguardente Velha Ribatejo»

**PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO**

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

**Aceito Agentes onde ainda os não tenha**

**Armazéns de retém:**

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

**BANQUEIROS:**

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

**ANTONIO NUNES CUNHA**

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

**CARTAXO — Portugal**

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

Resultados da 8.ª jornada:

**LUSITANO, 1 — C. U. F., 2**  
Luso, 0 — Almada, 2  
Desp. Beja, 1 — Olhanense, 0  
U. Sport., 2 — Portimonense, 0  
Farense, 1 — Juventude, 1  
Montijo, 7 — S. Domingos, 1

Em Vila Real Sto. António

**LUSITANO, 1 — C. U. F., 2**

Defrontaram-se nesta Vila, no último domingo, os grupos representativos do Lusitano e da C. U. F. do Barreiro.

O primeiro tempo findou com os grupos empatados, sem qualquer deles ter conseguido marcar, apesar das ocasiões de golo verificadas, mormente da parte da turma local, que desperdiçou algumas oportunidades que lhe concederiam confiança e tranquilidade para o tempo restante.

O Lusitano foi a equipa que teve mais tempo o esférico em seu poder e a que jogou mais no meio campo contrário, criando até, como já dissemos, mais ocasiões de golo. Contudo, foram os barreirenses que constituíram a equipa mais organizada e consciente, tendo sido por ela fornecidas as melhores fases da partida.

O Lusitano continua a patentear os mesmos defeitos que já apontámos em jogos anteriores. Falta de ligação entre a meia defensiva e o ataque e falta de remate. A tendência para a elevação da bola na grande área contrária, por parte dos avançados vilarealenses, ocasiona a dificuldade do disparo à baliza em condições de êxito.

O ponto do Lusitano foi conseguido por J. Almeida, a 8 minutos do fim, com um pontapé atirado para o lado esquerdo do guarda-linha visitante.

Na turma local podemos destacar o trabalho generoso de Germano que, apesar de mal servido, foi de longe o avançado mais perigoso e lutador. Reina, creditou-se com um excelente primeiro tempo. Após o intervalo, porém, fatigou-se inutilmente em incursões estereis pelo campo adversário, sem qualquer benefício para a sua equipa.

As equipas alinharam:  
Lusitano — Balbino; Rui e Reina; Rodolfo, Jorge e Sanina; Almeida, Paesca, Antunes, Henrique e Germano.

C. U. F. — Libânio; Matos e Celestino; Orlando, Carreira e Vale; Sérgio, Vasques, Aureliano, José Luiz e André.

O sr. Inocêncio Calabote, arbitrou a contento de ambas as partes.

L. C.

Em Faro

**Farense, 1 — Juventude, 1**

Dois golos obtidos de cabeça

No Estádio de S. Luís em Faro, realizou-se no passado domingo, mais um encontro de futebol entre as turmas do Juventude e Farense para o Campeonato Nacional da II Divisão.

Arbitrou este encontro o sr. Luís de Magalhães, que voltou pela 2.ª vez ao Algarve esta época, com os auxiliares, Mário Ribeiro e Fernando Soares, da Associação de Lisboa.

Eram precisamente 15 horas, quando teve início o prélio, e muito antes das 15 horas já o Estádio se encontrava completamente cheio. Agora vamos falar do jogo. A entrada das duas equipas foi impetuosa. Dentês cerrados, vontade, energia, desejo enorme de espantear o nervosismo dos minutos iniciais, mas logo nesse período de febre, os «Leões de Faro», se o azar não tem estado atrás da porta de Vinuesa, podiam ter desferido a primeira machadada nas aspirações do Juventude.

A bola chutada por Vinuesa, num precioso e inteligente passe de J. Maria, foi apanhada pelo guarda-linha Soares, quando ela ia com o caminho certo. Depois entrou-se no chamado período de cal-

**FÉLIX**

**TREINADOR DO LUSITANO?**

Encontra-se nesta Vila, há dias, o internacional de futebol Félix, o jogador nacional de maior classe.

A Direcção do Lusitano encetou negociações com aquele prestigioso futebolista, no sentido de assegurar os seus serviços como treinador da equipa encarnada.

Os lusitanistas confiam, entusiasticamente, no saber e prestígio de Félix para o melhoramento da classificação da sua equipa no campeonato em curso.

Campeonato Nacional da II Divisão

**FUTEBOL**

ma. Mas, primeiro que tudo mandava no rectângulo a vontade indómita dos 22 atletas. Não havia tempo para raciocínios. Bola nos pés e aí vai ela, como saía, para a grande área contrária. Pois os rapazes de Faro podiam nesta primeira parte fazer pelo menos dois golos, mas em abono da verdade podemos acrescentar que o factor sorte não esteve ao seu lado. No segundo tempo o Juventude mandou no terreno com jogadas magníficas do argentino Forneri, e só não marcaram alguns golos pela colocação de Santos.

O resultado quanto a nós justifica-se pois os dois grupos tiveram uma parte cada, salientando-se o 2.º tempo em que o Juventude mostrou mais categoria.

Os golos foram marcados por intermédio de Camacho num livre de canto, com uma estrada de cabeça, com algumas culpas para o guarda-linha visitado; e Américo também num livre de canto, magnificamente apontado pelo espanhol Vinuesa que Américo não teve dificuldades em anichar a bola nas redes de Soares. Este golo foi sem dúvida esplêndido, pois a bola entrou com uma força extraordinária na baliza.

A poucos minutos do fim o espanhol Vinuesa recebeu ordem de expulsão, por ter feito um gesto agressor. Com o castigo de Vinuesa, o Farense vai perder o orientador da linha de ataque nos futuros jogos a realizar.

Perante isto podemos chegar à conclusão que: as grandes virtudes das equipas em luta, foram a vontade e energia, primeiro que tudo e a ensombrem todos os outros defeitos: todos prevenientes da ansia desmedida, que quer fazer tudo no menor espaço de tempo. E, como depressa e bem há pouco quem...

O encontro nada valeu, pois, em técnica — em futebol organizado.

Em primeiro lugar falemos dos jogadores visitados:

Santos — Não esteve seguro, como nos jogos anteriores, talvez nervosismo; Américo e Nelo — Estiveram certos. O primeiro duma energia e coração que transbordam mas ás vezes em perda, além disso salvou um golo e foi o autor do empate alcançado pelo seu grupo; Jaime — Em jogo de cabeça e posição é admirável. O pior é quando batido...

J. Joaquim e Celestino — Muito bem no primeiro tempo. Melhor entrega e reflexão no lado direito: mais vontade e dinamismo, na esquerda, mas mesmo assim Celestino cotou-se como um médio regular, pois há três domingos que não joga, e isso talvez influísse;

Agostinho — É um jogador de conhecimentos, mas jogou muito abaixo das suas possibilidades;

José Maria — É um jogador dos pés á cabeça. Veloz, valente, com imaginação, variedade de jogadas e remate potente. Mostrou ao público a sua elevada categoria, pois foi o jogador mais em evidência do grupo local.

Vinuesa — É um jogador perdido na avançada local, pois não tem jogadores que o compreendam. Joga com calma, inteligência e desmarca-se excelentemente. Foi brilhante no 1.º tempo;

Campós — Menos influente do que o habitual. Chegou, até a complicar muitas jogadas. Falta-lhe também energia;

Brito — Tem um espírito de lutador que é de aplaudir. Claro, que se notam todavia muitas falhas. Disciplinando mais o seu esforço pode servir muito bem o seu grupo.

Nos visitantes gostámos da actuação de Pedro Gomes, Fausto Matos, Gonçalves e do excelente jogador Forneri, um homem que sabe o que faz. E' sem dúvida o melhor argentino da zona C.

A arbitragem satisfaz, á parte duma penalidade que deixou em claro, numa bola segurada com as mãos por Pedro Gomes.

Em Silves o Olhanense empatou com o Silves Futebol Clube por 3-3, para o Regional de Reservas. Ao intervalo a equipa da cidade de Silves vencia por 2-0. Distinguiram-se pelo Olhanense, Venceslau, Gonçalo, Casaca e o argentino Osvaldo Berdejo.

Boa arbitragem.  
Heroullano Valente

Em Beja

**Desp. de Beja, 1 — Olhanense, 0**

Desastrosa exibição dos Olhanenses

Depois das exhibições com tendência para melhoria que os ex campeões do Algarve vinham realizando, e esperanças, como estavam, reforços introduzidos no seu onze, fomos de ca-

minhada até á grandiosa cidade de Beja com o Sporting Clube Olhanense, que, diga-se em abono da verdade, se fez acompanhar de numerosa embaixada de adeptos com as flamejantes bandeirinhas e não menos entusiasmo.

Dia de sol ardente. Tarde propícia ao desporto favorito das multidões. Assistência contada por muitos milhares, naquele esplêndido estádio municipal.

Ao fim e ao cabo, depois de 90 minutos de sofrimento, durante os quais os visitantes estiveram sempre á beira de tormentosa derrota — que não chegou a avolumar-se, por grande felicidade e pela magnífica exibição de Abraão, os algarvios saíram batidos pela diferença mínima.

Não nos preocupa, deste momento, volvidas tantas horas sobre o espectáculo, fazer aqui o relato circunstanciado dos lances. Apraz nos muito mais, e apenas, dizer algumas poucas palavras que justifiquem, perante aqueles que não presenciaram o encontro, os erros e os porquês da derrota encontrada.

Como já anteriormente acontecera, o Olhanense joga praticamente sem linha de médios, onde, particularmente se nota a confrangedora exibição do medio de ataque, José Fernandes, sem dúvida muito abaixo da sua forma, e evidenciando pessima condição física — demais perante adversários enérgicos, rápidos e alegres, plenos de mocidade e de punjança atlética.

Começou por aqui, sem dúvida, a derrota dos algarvios que viram, permanentemente no seu campo, em investidas pelo centro do terreno, onde os adversários passeavam num ávontade impressionante, o onze local construiu jogadas de perigo iminente que só a vontade de Tavares e João Manuel, e a esplêndida forma de Abraão não consentiram que se transformassem em golos.

Vimos depois, na linha de ataque,

**DESPERTAR SPORT GLOBE**

FUNDADO EM 1920

BEJA

28 de Novembro de 1951

Ex.º Sr. Proprietário da «Pensão Mateus» Vila Real de Santo António

Pelas informações recebidas, não só dos jogadores como também do nosso Delegado ao jogo em Vila Real de Santo António, não pode a Direcção do «Despertar» ficar indiferente a maneira gentil e tão cavalheiresca, como os nossos atletas foram tratados na modelar Pensão, que V. Ex.ª é mui Digno Gerente.

Práticos como somos, nas muitas deslocações deste género, apraz-nos registar, com sincero jubilo, a forma familiar como essa progressiva Pensão, sabe receber embaixadas desta natureza, atitude que só dignifica a localidade onde existem.

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos agradecimentos e oferecemos nesta cidade, todo o modesto préstimo que lhes possa ser útil.

Subscrevemo-nos com muita consideração e

Atenciosamente  
Francisco da Cruz Martins

**GRAZINA, merece uma festa de homenagem**

O VALOROSO e correcto jogador do S. C. Olhanense, MANUEL VIEGAS GRAZINA, que durante várias épocas envergou a camisola do popular e tradicional Olhanense, por motivos estranhos, só alinhou esta época num jogo que o seu clube realizou em Portimão para o Campeonato Nacional da II Divisão.

Parece-nos que Grazina encontra-se fora do grupo actual, visto o actual treinador do clube Armando Martins, vêr que o dito jogador já não se encontra com as mesmas faculdades, visto faltar-lhe a energia indispensável, — mesmo assim Grazina ainda merecia actuar no grupo, pois embora com essa falta de pouca energia, Grazina ainda faria mais que os novos que lá estão jogando — merece, pois, que todos os desportistas lhe façam uma festa de homenagem á altura da sua extraordinária classe.

A Direcção do S. C. Olhanense inteligentemente está a tratar deste assunto que preocupa todos os algarvios, em especial aqueles que são adeptos do

Jogos para hoje:

Almada - Desp. de Beja  
Juventude - Montijo  
C. U. F. — S. Domingos  
LUSITANO - Luso  
Olhanense - União Sport  
Portimonense - Farense

com profunda surpresa, a exhibição dos argentinos Del Duca e Santiago, completamente diferentes, sombra apagada das suas possibilidades, actuando num estilo, quanto a nós absolutamente contrário aos fins desejados — desprezando a bola logo que a recebiam.

Somos dos que concordamos que um jogador para ser eficiente e emprestar rendimento ao onze que serve, deverá ser rápido e passar a bola sem demoras aos camaradas em melhor posição. Somos dessa opinião e desejariamos ver futebol á base desta tática, sempre desconcertante. Mas consideramos erro grave impôr-se a jogadores do estilo destes dois argentinos, que no decorrer dos treinos têm imposto a sua tática de «driblings», demorando a bola nos pés até á melhor oportunidade de a passarem com utilidade, sem que os tecnicos tenham feito reparos a essa forma de actuar, uma mudança repentina nos seus usos e costumes utilizados desde os primeiros passos das suas vidas de profissionais da bola.

E nós vimos — e toda a gente o tem verificado — que enquanto a bola permanece na posse destes dois malabaristas, os adversários reecosos da sua classe se reduzem a uma defensiva de tal ordem que raramente conseguem deslocar-se com eficiencia á grande área dos olhanenses.

Este, um flagrante, senão o maior erro do jogo efectuado em Beja, que trouxe aos algarvios o amargo da derrota.

Outro «senão» que nos custa a perceber é que se tenha contratado — como bom — um terceiro argentino, médio de ataque, para colocar na prateleira, enquanto José Fernandes permanece em forma tão deficiente e no seu lugar activo!

Esperamos que no próximo domingo, frente ao União de Montemor, os algarvios, finalmente com toda a sua equipa, onde nem sequer Vinício faltará (e digam os técnicos o que disserem, este jogador não encontrou ainda substituto á sua altura!), e com os Argentinos, todos eles actuando no seu melhor estilo, consigam alcançar um vitória de que tanto necessitam, de forma a reanimar a massa desportiva que começa a demonstrar inquietação.

Veremos, talvez: — Abraão, Graça, Tavares, Bermejo, ou Grazina, Toupeiro, João Manuel, Gomes, Del Duca, Vinício, Santiago e Simões.

Prognóstico com este onze — dois zero favoráveis ao Olhanense.

Arnaldo Silva

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport.	8	7	1	—	28-	1 15
Portimonense	8	5	1	2	16-10	11
C. U. F.	8	5	1	2	19-11	11
Olhanense	8	5	—	3	10-8	10
Sporting Farense	8	4	2	2	12-16	10
Juventude	8	3	3	2	6-7	9
Almada A. C.	8	3	1	4	9-13	7
Desp. Beja	8	3	1	4	8-15	7
Montijo	8	3	—	5	16-13	6
S. Domingos.	8	2	—	6	4-19	4
LUSITANO.	8	1	1	6	5-11	3
Luso	8	1	1	6	8-13	3

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA

ANTIGA E MODERNA

DE VILA NOVA DE CACELA

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

tolomeu de Monte Gordo, hoje termo de Castro Marim.

A verdade porém, é que, a grande influência espanhola que se havia notado na antiga Vila de Santo António de Arenilha, enquanto existiu, notava-se também nesta época, (1760 a 1773), na povoação de Monte Gordo, para onde se tinham transferido os pescadores, e bem assim, a sede da freguesia, a paróquia e todas as coisas do culto, daquella pequena vila.

A colónia estrangeira, crescia dia para dia e a indústria de pesca, era ali exercida, com manifesto prejuizo das nossas finanças, porque tratando-se de estrangeiros, entravam e saíam do país sem licença, e iam vender o peixe que pescavam aos vários mercados espanhóis, sem pagarem o imposto de pescado, com o maior desrespeito pelas leis e ordenações portuguesas, apesar de existirem um Registo de Portagem em Monte Gordo e uma Alfandega em Castro Marim.

Ouçamos o que escreveu, Ataíde de Oliveira, em relação ás pescarias de Monte Gordo.

«Crescia ali a indústria estrangeira com prejuizo das nossas leis, porque, sob protexito de que eram espanhóis e franceses, saíam do reino sem licença, apesar do Livro 5.º das Ordenações, tit. 98 e 113 isso lhes proibir; e com prejuizo dos nossos interesses, porque não pagavam dizimo, ou pagavam escassamente. De forma que a Praia de Monte Gordo era mais um empório de pesca espanhola do que portuguesa».

Fazia-se sentir a necessidade de um centro populacional, onde houvesse uma autoridade que vigiasse de perto os pescadores de Monte Gordo, obrigando-os a pagar os dizimos de pescado, e mantivesse, em respeito, os nossos vizinhos espanhóis, que constantemente nos provocavam.

Castro Marim e Cacela, além de se encontrarem muito distantes, estavam empobrecidas e decadentes. Os sacrificios de toda a ordem que lhes foram exigidos durante os 60 anos de dominio espanhol e por último os terramotos de 27 de Dezembro de 1722 e de 1 de Novembro de 1755, completaram o quadro da sua ruína.

Com as suas populações reduzidas, não tinham forças para acabar com o escandaloso abuso do contrabando do pescado para a espanha, praticado por aqueles pescadores, e não podiam manter o prestígio nacional que a nossa dignidade de portugueses nos impunha. Tornavam-se necessárias medidas energicas, que nos poupassem á vergonha de sermos insultados na nossa própria terra.

Entretanto, chegavam ao Algarve as grandes reformas pombalinas.

O país do norte ao sul, acusava já, sob vários aspectos, a inteligente acção governativa do discutido Ministro de D. José.

Informado o Marquez de Pombal dos abusos praticados pelos pescadores estrangeiros de Monte Gordo, contra a autoridade nacional, procurou remediar o mal e neste sentido resolveu fundar Vila Real de Santo António.

E o milagre operou-se. Em pouco tempo, (cinco meses, diz a legenda do obelisco), erguia-se a linda vila, perante a admiração de todo o País, formosa, altaneira, qual sentinela vigilante dos interesses de um povo, a defrontar a velha cidade andaluza, de Ayamonte.

Este número do «Noticias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

tugal, e que honrou assim a nossa provincia como uma das mais categorizadas em futebol.

Que atendam nisto os novos, esses que no seu valor bem podem tanto quanto possível conduzir se nesse espírito de sincero amor ao seu clube.

Que bom é útil seria ao desporto, o baírrismo e entronhado amor clubista.

E esse exemplo dá-nos Grazina em todas as suas páginas de existência desportiva, e que nos vem animando para que a sua festa seja uma das mais fortes em sentido, forte em vibração, ao mais popular e consagrado desportista algarvio, e que todos lhe dediquemos o nosso preito de gratidão ás brilhantes tardes de futebol que nos foi dado assistir e mercê da sua nobre combatividade sempre leal.

«Noticias do Algarve», associa-se, pois, e deseja isto á consideração de quem de direito.

H. V.

# UM JORNAL UMA CIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

rudes e de gente para quem a vida se resumia ao apertado ambiente que a circundava, a folha que o atrevimento de um visionário entregara à curiosidade e ao julgamento públicos! O certo é que vencendo (nós nem avaliamos quantas dificuldades!) a apatia de gentes dadas ao trabalho ou limitadas ao colóquio caseiro dos mais comezinhos problemas, «Faro de Vigo» impôs-se aos vigueses. Por certo e inquestionavelmente o seu director tinha do jornalismo uma noção clara e antecipada do que era bem servir o público e interessa-lo numa iniciativa que a todos aproveitava. Efectivamente as suas normas coadunavam-se com a ética da arte do jornalismo. Um dos seus colaboradores refere que ao entregar-lhe artigo que se harmoniza-se com o espírito do jornal, ele observava sempre: «Muito bem, muito bem, não molestar ninguém. Assim evitam-se polémicas e consegue-se tudo quanto se quer». Aos espíritos mal avisados poderá parecer de um conformismo débil esta sensatez do fundador de «Faro de Vigo». Mas não é, se atendermos ao ambiente restrito da expansão da jovem folha. Só desvantagem e prejuízos adviriam para esta se assumisse uma atitude de impertinência num meio pequeno e naturalmente dividido por facções políticas ou ideológicas incapazes, qualquer delas, de assegurar só por si a vida de um jornal que se creara para servir não as políticas, tantas vezes fugazes e inconsequentes, de um grupo ou de um partido, mas para servir sobretudo e fundamentalmente a sua terra e a sua gente.

Neste equilíbrio se deve procurar a razão do triunfo de «Faro de Vigo». Se ele desfaldasse agressivamente uma bandeira partidária, se ele hostilizasse ou louvava minhasse qualquer facção, os seus dias estavam inexoravelmente contados, pois, ao que parece, nesse tempo não era corrente o partido dominante gorgetejar a sua imprensa. Tal não sucedeu, felizmente para Vigo e para a Galiza. E tanto é certo o que afirmamos que o seu penúltimo director, ao regozijar-se agora com a comemoração do centenário do prestigioso jornal, diz-nos isto: «Não foi cimentada esta instituição galega e especialmente viguesa, que se chama Faro de Vigo, nem com um potencial intelectual grande, nem com poderosos meios económicos. A sua fortaleza para resistir aos azares da vida em todos os aspectos, nacional, regional e local, reside no seu espírito tradicional, a sua intransigência no dogmático e a sua transigência no humano, quando esta transigência não afectava o bem público ou os interesses morais e materiais da cidade. Teve o Faro de Vigo presente a toda a hora a frase «fortiter in re, suaviter in forma».

Quer isto dizer que o prestigioso diário galego teve sempre e acima de tudo a preocupação da tolerância e um equilibrado sentido de bem servir o «bem público e os interesses materiais e morais da cidade». Louvável

intuito este, honrada preocupação dos seus dirigentes que, impondo-se pela honestidade de bem servir a sua terra e os seus concidadãos, conseguiram singrar no meio das tempestades que tão duramente têm açoitado o país vizinho.

O «Faro de Vigo» nasceu com um objectivo fundamental, desconsiderando acessórios de carácter político que não nos interessam: defender a sua terra e defender a sua região. A sua finalidade foi total e honradamente atingida. Viu a luz numa vilória modesta e cumpre um século numa grande e laboriosa cidade. É difícil descrever quanto deve Vigo ao seu jornal e quanto deve o seu jornal a Vigo. Tão intimamente viveram os cem anos decorridos que nós, de ciência certa, não podemos dizer se Vigo prosperou graças ao seu jornal se este progrediu graças ao engrandecimento de Vigo. Uma coisa podemos porém afirmar: é que o «Faro de Vigo» tem sido o esforço paladino da terra onde nasceu. Graças a ele, a cidade da ria conseguiu obter muito do que tem hoje e ascender de apagado burgo de seis mil almas a próspera cidade de mais de cem mil habitantes. É certo que factores vários — a localização e comodidade do seu porto, a sua enorme frota piscatória e a sua importante indústria de conservas — contribuíram de maneira definitiva para o progresso de Vigo, mas não é menos certo que deste engrandecimento tem largo quinhão o velho jornal que soube sugerir, animar e defender muitas iniciativas, pelejando com entusiasmo pela prosperidade da sua cidade. Daí que, um século decorrido, ponderado os serviços que «Faro de Vigo» prestou e presta à sua terra, num acendrado e liberal regionalismo, nós não podemos — repetimos — descrever quanto deve Vigo ao seu jornal e quanto deve o seu jornal a Vigo.

José Barão

## Portimão Turístico

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

teus e pensões da província.

Turísticamente, Portimão tem a sua maneira de ser. Reune em si comodidades, belezas e preciosidades raríssimas, algumas até, sem rival. Mas, também, para que turísticamente se desenvolva é necessário, leitor amigo, que nos visite, que nos conheça! E é confiante nisso que Portimão vive, se embeleza e movece o título da mais bela cidade algarvia. E é por isso que o progresso em Portimão não é uma palavra vã.

Portimão, 7-11-53

A. Simão

## BARCOS DE PESCA VENDEM-SE:

A antiga traineira COSTA DOIRO, equipada com um motor DIESEL de 75 HP. da marca VENN-SEVERIN e sem a licença de pesca.

Um barco enviada, denominado NINFA, equipado com um motor da marca KELVIN, a petróleo, de 25 HP.

Um barco enviada, denominado PEIXE ESPADA, equipado com um motor da marca SEFFLE, semi-Diesel, de 10 HP.

Um barco enviada, denominado MARINA, equipado com um motor marca DEUTZ, a gazoil, de 24 HP.

OS BARCOS PODEM SER VISITADOS EM LAGOS

Tratar com ANTONIO DA SILVA FREITAS

LAGOS - ALGARVE

## PARA SI, minha Senhora

### PARA OS NOVOS TECIDOS novíssimos botões

por Noémia Gil Faria

UMA das tentações parisienses da moda actual é o botão. Usa-se tanto nas fazendas como nas sedas, tanto nos veludos como nas rendas. Adeus, botõesinhos desprezíveis, feitos no mesmo tecido do vestido! Acabaram-se já mesmo os modelos de plástico, bonitos e baratos. Hoje, o botão parece uma pequena joia e não são dos menores encantos das montras de Paris as mil e uma variedades para 1954, algumas delas assinadas por nomes de artistas conhecidos, que não se desprezam de empregar a sua arte no desenho e na pintura de um simples botão.

A moda actual diverte-se, como os rapazinhos, com o jogo dos botões de fantasia, colocando-os no casaco simples da manhã e no da tarde, cintado e elegante, no vestido camiseiro de bater e no que se veste depois das cinco horas, nos conjuntos de setim para jantar e nas sumptuosidades das rendas modernas para os «cocktails» e para noite. Uma das maiores novidades em botões são as «penas de aves». Sobre os casacos de lã ficam admiravelmente estes lindos botões cheios de cor e de beleza. São penas de pavão com os seus azuis fortes, são as de pintada com as pintinhas claras, são as de faisão com uns verdes encantadores e são mesmo as de perdiz, com os seus modestos e suaves acastanhados. Não sabemos bem o material em que estes botões são feitos, mas a sua beleza é, realmente, grande e a sua pintura perfeitíssima.

Nos conjuntos de saia e casaco vêm-se muito os botões feitos de bambu, com pequeninas incrustações metálicas, que se resumem, às vezes, a um simples fio. Também neste género de vestuário se empregam os botões de porcelana, numa imitação perfeitíssima de antigos esmaltes. Um aro metálico preserva a grande fragilidade do material.

Sobre o vestido de lã usa-se, mas com loucura, o botão de couro, de pele de porco muito clara, de pele de veado mais acastanhada, de cabra bastante amarelinha ou de crocodilo em preto, em verde ou em vermelho. Um cinto e gola ou um galão da mesma pele, avivando costuras, guarnecem o vestido.

Sobre os conjuntos mais elegantes usam-se os botões de passamanaria (novidade para as senhoras, mas vistos durante muitos anos, nas fardas de alguns militares), assim como botões de «strass» e outros de fantasia, dourados.

Nos vestidos de noite, botões trabalhados como joias e em que aparecem as pérolas rodeando as safiras, as esmeraldas dentro de círculos de diamantes, as opalas, os topázios ou os rubis.

E tão belas são, na verdade, estas lindas fantasias que muitas senhoras francesas e inglesas já estão a encomendar, nos seus joalheiros, brincos montados com estes modernos botões. De resto, se a sua beleza é grande, o seu preço é assustador. No capítulo botões imitando penas há também modelos que custam a bagatela de quarenta escudos cada e nas fantasias com pedras (falsíssimas como Judas) encontram-se botõesinhos que chegam a cento e tantos escudos. Se pensarmos em que nenhum vestido ou casaco moderno se abotoa apenas com um, horrorizamo-nos com a moda e congratulamo-nos por estarmos tão longe de Paris e não termos que travar uma luta titânica conosco próprias para fugir a todas estas caríssimas tentações. A consolação é fácil, porque temos, a mão, nas nossas lojas, lindos modelos que, as mais das vezes, não ultrapassam os quinze escudos e isto quando já são produto fora de série. Temos, ainda, um recurso para, sem gastarmos muito dinheiro, guarnecermos o nosso lindo vestido de jantar: a caixinha de botões da avózinha, que anda perdida lá pelo sótão. Botõesinho de fantasia, e em bom estado, que tenha uns setenta ou mais anos, fará um figurão. Não se encontra igual nas lojas, tornando-se, por isso mesmo, um modelo único.

Mal pensaria aquela nossa antepassada (francamente, não lhe sabemos o nome) que pela primeira vez na história da humanidade empregou um espinho de arbusto para juntar duas peças de tecido os trabalhos que iria dar com a sua descoberta às gerações futuras. Já não é de hoje o facto de se reunirem os melhores artistas do tempo, os mais belos materiais e as mais ricas joias para fazerem, afinal, o mesmo serviço, tão simples, prestado pelo humilde espinho e, mais tarde, por um ossinho pontagudo ou por uma triste espinhinha de peixe...

## VALOR E UTILIDADE DA PEQUENA IMPRENSA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

aspecto, goza de muitas mais vantagens, já que os que aí escrevem são pessoas que sentem e vivem os problemas e preocupações da sua região, já por que existe neles, bem vindos, o desejo e interesse de verem esses problemas resolvidos.

A grande imprensa por sua vez, divorciou-se ou está a caminho de se divorciar das questões regionais. Enveredando pelo caminho exclusivamente informativo, os grandes jornais passaram a ser nos nossos dias o registo frio das notícias que as potentes agências internacionais diárias e substancialmente lhes fornecem. Mesmo no campo da divulgação cultural ou no aspecto doutrinário, só raríssimos jornais mantêm essa tradição oferecendo só de longe a longe ao seu público, pequenos artigos, e esses mesmo, nem sempre correspondendo às necessidades da vida moderna.

Claro que, ao verificarmos o abandono dos problemas regionais pela grande imprensa, não pretendemos de maneira alguma censurar inteiramente a orientação dos nossos rotativos, embora nos cumpra reconhecer que a missão da imprensa nem sempre é desempenhada seriamente por esses órgãos que a representam.

O que desejamos por agora frizar é que existem já acentuadas diferenças entre a grande e pequena imprensa e que as suas missões divergem em muitos aspectos. A pequena

## NÃO SERÁ ESTRANHO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

*taram abaixo casas, destruíram searas tirando-lhe a água da rega, correram com empregados e causaram prejuízos às vezes graves, vindo os proprietários a conhecer os factos apenas depois de executados?*

*Não lhe puseram postes de telefones, telégrafo, de energia eléctrica, sem pedir licença, causando danos a searas, pondo esticadores que prejudicam as lavouras?*

*Não lhe cortaram árvores, sem aviso e sem respeito, para a passagem dos fios?*

*Não lhe construíram marcos geodésicos nas propriedades, sem uma carta ou ofício, e até lhes puseram sobre casas suas, naturalmente com um estranho espírito de embelezamento artístico?*

*Não lhe entraram nas propriedades a fazer medições e estudos de estradas, a traçá-las e fazê-las sem um único aviso, carta ou ofício?*

*E seria um nunca acabar se eu me lembrasse de tudo quanto me tem acontecido, ou sei que tem calhado a outros.*

*Eu sei bem que existem leis que se destinam a não impedir certos serviços públicos necessários, mas sei também que é muito ofensivo para as pessoas e o direito de propriedade reconhecidos pela Constituição, a sem-cerimónia e a facilidade com que os detentores do poder abusam de quem com dificuldade se pode defender ou opôr.*

*Não seria simpático que o Estado prevenisse estes abusos?*

Dr. Ruy de Andrade

imprensa possuindo uma acção mais limitada, vivendo num âmbito mais reduzido, tem os seus próprios problemas, os seus próprios interesses, circunscritos às suas regiões, ao modo de vida dos que nelas trabalham, às aspirações dos que aí labutam e vivem. Por isso os jornais da província devem-se considerar os legítimos interpretes das necessidades e interesses das suas regiões. Mas independentemente desses problemas locais que se devem tratar largamente nas suas colunas, os jornais devem alimentar outros objectivos — esses de ordem cultural — permitindo assim aos seus leitores uma visão mais ou menos exacta dos problemas gerais que preocupam a humanidade dos nossos dias. As questões de ordem cultural — outra tradição abandonada e desprezada pela grande imprensa — deve subsistir nas colunas dos pequenos jornais.

E nesses assuntos de ordem cultural caberiam bem os artigos de divulgação de conhecimentos práticos, pequenos e esclarecedores artigos tratando das questões mais diversas, como: noções de agronomia, economia, pecuária, higiene, tudo que ajudasse a combater o rotineirismo e ignorância da nossa gente e se traduzissem amanhã por um aproveitamento e incremento da nossa riqueza nacional.

Eis, em linhas gerais e sóbrias, o que se deve entender pela missão dos pequenos jornais. Sabendo nós bem as inúmeras dificuldades que um desses pequenos jornais tem para encontrar uma equipe de colaboradores capaz de cumprir tal programa; sabendo nós, que a maior parte da colaboração não é remunerada; sabendo nós, que vivemos num meio e numa época onde todos os idealismos estão condenados a perecer ou a anquilosar-se, não temos quaisquer ilusões em achar este programa um tanto audacioso ou quimérico.

Mas, os jornais que tentem séria e honestamente aproximar-se e cumprir esse programa, podem ficar completamente convencidos que deram um decisivo passo para nobilitarem e dignificarem a sua imprensa.

Rodrigues Pena

## EDITAL

João António da Silva Graça Martins Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, fez saber que Izequiel Anastácio Viegas requereu licença para instalar uma fábrica de moagem de produtos destinados ao fabrico de rações para gados, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de in-édio, situada no Azinhal, freguesia do mesmo nome, concelho de Castro Marim, distrito de Faro, confrontando ao norte e nascente com via pública, ao sul com Simão José Vicente e ao poente com Manuel Bonito. Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 4 de Novembro de 1953.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição João António da Silva Graça Martins